ANNO 8.º — Sexta-feira, 21 de Janeiro de 1916 — NUMERO 405

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Emprêsa

Oficina de composição, Rua Direita — Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões — AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

A crise das subsistencias

E' de inadiavel urgencia que o govêrno e as autoridades administrativas dos diversos distritos e concelhos lancem as suas vistas para este grâve aspecto da aflictiva situação que, por efeito da guerra europeia, estâmos atravessando.

Por isso, não deixaremos de insistir neste grâve problema.

Como é sabido, o sr. ministro do fomento apresentou, ha pouco, ao parlamento um projecto de lei, do qual, indubitavelmente, alguns beneficios deverão resultar, se as entidades incumbidas de o executarem se houvérem, em vez do habitual desmazelo, com energia e perseverança no cumprimento dos seus deveres.

Mas quando será esse projecto convertido em lei? Quantos dias e quantas semanas não andará ele a arrastar pelo seio das comissões e pelos debates das duas casas do parlamento?

E resolve ele, uma vez convertido em lei, todas as dificuldades do problema?

Quer-nos parecer que não.

Uma das principaes causas do encarecimento das subsistencias, bem como de tudo o mais, é o espirito de ganancia.

E' sabido que raro será o vendedor que, podendo ganhar 10, ou 20, se resigne a ganhar só 5.

O sonho de todos os que vendem é obter o maximo ganho possivel. E' assim a humanidade e parece que não ha volta a dar-lhe...

Para realizar esse sonho, serve-se, em geral, o vendedor de todos os artificios, mentiras, sofismas, fraudes e artimanhas.

Em épocas normaes, a livre concorrencia contrabalança, dentro de cérta medida, essa tendencia do espirito humano.

Mas, em épocas de crise como a que vâmos atravessando, parece que até este factor de equilibrio dos preços se aniquila e a unica concorrencia que se nota é no sentido de vêr quem venderá por maior preço.

Uns, para ganharem mais um vintem em kilo, sobem o preço da carne; logo o vizinho do lado, que compra carne e vende lenha, sobe o preço da mesma; imediatamente e como consequencia, todos os que gastam lenha, desde o oleiro das Aradas até ao vendedor de café ás chavenas, elevam o preço dos respectivos productos; e então o lavrador, que vê tudo a subir, trata, tambem, de aumentar o preço do milho, da batata, do feijão, das couves e do leite.

A questão é vender mais cáro, ganhar mais, seja como fôr e a que pretexto fôr, lançando mão das mais evidentes sofismas.

Ainda ha pouco, numa das freguezias ruraes do nosso concelho, se deu um caso tipico deste desvairado espirito de ganancia.

Em fins de dezembro ultimo, publicou a Câmara Municipal de Aveiro editaes determinando que, a contar de 1 do mez corrente, cada vaca leiteira, dentro da área da cidade, pagaria uma licença mensal de 31 centavos e que cada vendedor de leite, quer rural, quer urbano pagaria uma licença mensal de egual custo.

Pois querem os leitores saber o que fizéram os productores de leite da tal freguezia?

Primeiro, de bôa fé, ou astuciosamente, baralharam as determinações da postura camararia e entraram a propalar que, de 1 de Janeiro em deante, tinham que pagar duas licenças, na importancia total de 62 centavos, quando o cérto é que a postura camararia, nas freguezias ruraes, só aos vendedores de leite exigia licença e apenas do custo de 31 centavos mensaes.

Em seguida conchavaram-se e subiram o preço do leite 1 centavo em litro!

Um centavo em litro para pagar uma licença de 1 centavo por dia e quando nenhum dos vendedores daquêla freguezia tem uma venda diária inferior a 7 ou 8 litros! E isto tratando-se dum leite que, por absoluta ausencia de fiscalisação, é fortemente aguado e, até, desnatado!

Como se está vendo, o caso é tipico e mostra bem o espirito de desenfreada ganancia, sem escrupulos e sem vergonha, da generalidade dos vendedores.

E' verdade que, perante o protesto unanime dos compradores, o leite voltou ao antigo preço. Todavia o caso não deixa de ser demonstrativo e prova bem que o mero e desaforado espirito de ganancia está sendo um dos principaes factores do encarecimento da vida.

Mas, em materia de ganancia, está-nos lembrando um episodio ainda mais sintomatico.

Segundo uma correspondencia de Valelhos, ou Valdelhos (não nos lembra bem a grafia da sertaneja localidáde), ha uma, ou duas semanas publicada no *Seculo*, os negociantes daquêla povoação, não tendo mais que subir de preço, foram-se ás caixas de fosforos americanos e elevaram-nas de 1 para 2 centavos!

Póde haver caso mais frisante?

E o mais curioso de tudo isto é que o vendedor, elevando, para ganhar mais, o custo dos productos, fica, quasi sempre, perfeitamente ludibriado.

Com efeito, sendo essa elevação gananciosa de preços um movimento quasi geral e sendo os vendedores, por seu turno, tambem compradores, vem a encontrar-se, ao termo de trabalhosas ginasticas elevatorias de preços, quasi nas mesmas circunstancias economicas em que se encontravam quando iniciaram as ditas ginasticas.

Mas, se não conseguem, pelo geral, os seus gananciosos intuitos de amealhar grossos capitaes á custa da fome e do sofrimento alheio, não peoram de situação, o que já é um bem.

Quem peora, e por uma fórma assustadora, quem suporta, e sem a menor compensação, todo o peso da constante subida de preços, quem é a verdadeira vitima deste geral espirito da ganancia é a numerosa classe — operarios, empregados publicos e particulares, etc., — dos que, nada tendo que vender, porque só do seu ordenado, soldo, ou salario vivem, e, por isso, não vendo sobre que fazer recair aumentos, se encontram reduzidos a apertar a barriga, a cortar por todos os gostos essenciaes á vida, a prescindir até do indispensavel.

Esses, sim. Esses é que são os unicos dignos de lastima e, em favor desses centos de milhares de vitimas, urge que o govêrno tome rapidas e energicas providencias, que moderem o furor ganancioso, que parece ter-se apossado de todos os vendedores.

Transferencia

A seu pedido, acaba de ser colocado em Faro o oficial do govêrno civil deste distrito, Joaquim Augusto de Lima, ha pouco julgado e absolvido no tribunal desta comarca por causa da célebre questão dos passaportes.

O Directorio

Está em cheque o Directorio do Partido Republicano Português, presidido pelo sr. dr. Afonso Costa, a quem *O Povo*, nos seus ultimos artigos, cheios de logica e verdade, intima a saír por considerar inutil a sua acção.

Tem ele vivido — diz o denodado colêga — *da excessiva resignação dos correligionarios que, se bem que desgostosos, em surdina apenas se queixam e protéstam. Essa existencia de favor não póde, porém, durar. E' preciso que a ficção acabe — que a pantomima finde! Ha uma junta consultiva, subdividida em comissões, e destinada a colaborar com o Directorio. Convocou alguma vez o Directorio a sua reunião? Nunca! Ha tambem uma junta distrital eleita? Deu-lhe sequer posse o inclito Directorio? Nem isso! O Directorio é, positivamente, uma sombra, apenas. O que faz do muito que tem por missão fazer? Nada. Resona, arrota — repousa. E' muito pouco.*

O partido, que em vão se lhe dirige, a dirigir-lhe reclamações e consultas, tem o direito, o mais, o dever, mais ainda, a necessidade de lhe pôr escritos.

Tambem assim o entendemos. O Directorio que aí está deu o que tinha a dar se é que alguma vez chegou a mostrar que existia.

Como corpo morto o consideravamos ha muito.

O **Democrata** *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

A questão da pesca

No *rapido* da manhã de quarta-feira partiu para a capital uma numerosa comissão composta de representantes de todas as companhas de pesca, não só desta cidade, como de Espinho, Torreira, Mira, Parâmos; mercanteis, presidente e outros membros da Associação Comercial, além de muitos outros interessados, que, junto do govêrno e em harmonia com as deliberações tomadas na ultima reunião realisada e que aqui largamente referimos, vão solicitar as indispensaveis medidas de protecção na costa, afim de evitar que as *traineiras* a vapor afugentem a sardinha e invadam o mar de fórma que impeçam até o lançamento das nossas rêdes.

Não ha duvida que a continuarem as cousas como até aqui avisinha-se uma crise das mais grâves como seja o funesto resultado da paralisação dos trabalhos na costa.

E o que se seguirá?

A emigração entre a numerosa classe piscatoria está sendo já o recurso de que ela se vê obrigada a lançar mão, visto que a vida, agravada por todas as fórmas e especialmente pela restrição aos aparelhos empregados na pesca da ria, dia a dia se lhe depara mais dificil e perigosa.

Por estes dias segue outro grupo de rapazes da Beira Mar com destino á America do Norte onde já alguns se encontram em procura do trabalho e do pão que por aqui escaceia.

Por tudo, pois, muito desejâmos vêr, dentro do possivel, todas as dificuldades sanadas, assim como trabalho para todos os braços e com ele o pão e a alegria para todos os lares.

E acabaria assim a hora terrivel que atravessâmos.

Serviço de administração

CONGO BELGA

Levâmos ao conhecimento dos nossos presados assinantes desta região que se acham na posse do sr. Julio Diniz, residente em Bôma, casa Vale & C.ª, todos os recibos do *Democrata* que obsequiosamente se encarregue de cobrar, e por isso esperamos que todos lhe enviem as importancias neles expressas assim que, pelo correio, recebam o competente aviso.

Desde já os nossos agradecimentos.

MANAUS

Tambem o nosso amigo sr. João Simões Amaro possue já os recibos dos assinantes de Manaus (E. U. do Brazil) a quem pedimos o favor de lhos satisfazerem logo que sejam apresentados afim de lhe evitarem quanto possivel massadas e perda de tempo.

PELO LICEU

Isto vai cada vez a peor.

Ouça agora o leitor mais esta: com a saida do sr. dr. Brito Guimarães para tomar assento na câmara dos deputados ficaram vagas algumas cadeiras do liceu com prejuizo manifesto para os estudantes, que só agora começaram a ser leccionados pelo sr. Celestino Regala, engenheiro das Obras da Barra. Mas nesta qualidade o sr. Regala hade ter uma repartição onde é obrigado a comparecer e demorar algum tempo o que lhe será fisicamente impossivel porque, segundo a distribuição de serviço do liceu, tem de ali permanecer desde as 9 1|2 ás 14 horas. Poderá sua ex.ª acumular os dois logares sem prejuizo para qualquer deles? Parece-nos bem que não e o caso é tão escandaloso que se chegou muita gente a convencer de que o sr. Regala não tomaria posse do logar por uma questão de dignidade propria.

Mas ha mais ainda. A nomeação não podia fazer-se sem o Conselho Escolar do liceu ser ouvido e apresentar a sua proposta.

Como foi cumprida essa disposição da lei? Muito simplesmente: deixando-se de a observar com a agravante de no *Diario* constar, falsamente, que aquela corporação fôra ouvida! E' o que nos asseveram. E isto é piramidal porque deixa ás claras ou a ignorancia ou o proposito de quem faz semelhantes nomeações pelos processos de que usou a bandalhona da monarquia.

Sr. Ministro da Instrução: estas porcarias cometem-se já sem rebuço, á luz do dia, sem decôro pela opinião publica e sem respeito pelo regimen que apenas conta cinco anos de existencia!

Ao menos, sr. Ministro, para que se não avolume tanto escandalo, não consinta que a folha oficial traga inexatidões como a que deixâmos apontada e que nos podem levar á convicção de que V. Ex.ª não manda, mas obedece...

Pedaços de historia

"Cincoenta anos de vida publica,, com escala pelo tribunal

Um novo documento, já publicado tambem, hoje trazemos para estas colunas e que justifica, como ninguem deixará de concordar, os termos empregados para sacudir a afronta com que se pretende enodoar os brios duma cidade, colocando, em publico, a par da figura magestosa do seu mais dilecto filho, José Estevam Coelho de Magalhães, outra de que as cronicas rezam os mais extraordinarios feitos politicos, e ainda aqueles que constam do triste sudario, inserto no ultimo numero, e acrescentado com este padrão glorificador do *benemerito conselheiro*:

CERTIDÃO

Antonio Augusto Duarte Silva, escrivão do terceiro oficio no juizo de Direito, tabelião publico de notas, escrivão privativo do tribunal do comercio de primeira instancia na comarca judicial de Aveiro, etc., por Sua Magestade Fidelissima El-Rei, que Deus guarde:

Em cumprimento do despacho supra, certifico que por este tribunal do comercio correu seus termos uma acção comercial em que foi autor Astley Campbell Smith, casado, tenente coronel do exercito britanico, dono da fabrica de papel da Abelheira e proprietario, morador na rua da Arriaga, numero quinze, da cidade de Lisboa, e réus Manual Firmino de Almeida Maia e mulher, dona Marria da Arrabida de Vilhena de Almeida Maia, residentes nesta cidade de Aveiro;

Que o pedido da acção era de **um conto quinhentos quarenta e seis mil trezentos e oitenta reis**, com os respectivos juros e custas, sendo esta divida proveniente de papel que durante anos, a pedido dos réus, o autor forneceu para a impressão do jornal *Campeão das Provincias* de que os mesmos réus são proprietarios;

Que juntas ao processo, desde folhas oito a vinte verso inclusivé, se acham dez cartas escritas pelo réu Manuel Firmino de Almeida Maia, assinadas por este e devidamente reconhecidas pelo tabelião ajudante, que foi nesta comarca, Francisco Nicolau de Figueiredo Vieira;

Que os réus excepcionaram e contestaram a acção com o fundamento de que este juizo era incompetente, porquanto, exercendo o réu usualmente a profissão de jornalista, não podia a compra de papel para consumir na impressão do jornal considerar-se um acto comercial; e ainda porque, embora a careteristica geral para se conhecer e distinguir o acto comercial seja a compra com a intenção de revenda, nem aqui se dava este facto, nem sempre esta unica circunstancia determinava ou caraterisava o acto comercial;

Que além disso a importancia pedida pelo autor era exagrada, por isso que examinando o custo do papel na época da venda, estava ele em desarmonia com o preço corrente nessa mesma época, que custava menos de trezentos a quatro centos reis em resma; de resto nem as remessas de papel haviam sido as que se mencionavam na conta corrente que o autor apresentára, nem as quantias entregues pelos réus eram as referidas nessa mesma conta;

Que por sentença do tribunal do comercio desta comarca com data de dezenove de novembro de mil oitocentos e setenta e nove **foram os réus condenados no pedido pelo autor, com juros da móra, custas e multa de dezesete mil oito centos cincoenta e oito reis**, incluindo sêlo e adicionais;

Que esta sentença foi apelada para o tribunal da Relação do Porto, onde, **depois de confirmada a sentença da primeira instancia**, os réus recorreram de revista do respectivo acordam para o Supremo Tribunal de Justiça;

Que ali **foi egualmente confirmada a sentença condenatoria**, tendo passado em julgado o competente acordam do conselho do Supremo Tribunal.

Mais certifico que os réus opozéram embargos á execução da sentença condenatoria; e finalmente que **esses embargos foram regeitados.**

E' o que na verdade e á vista dos proprios autos, em meu poder e cartorio, aos quais me reporto, me cumpre certificar fielmente.

Comarca de Aveiro, em vinte e dois de Outubro de mil oito centos e oitenta e oito. Eu Antonio Augusto Duarte e Silva que o subscrevi e assino.

(a) *Antonio Augusto Duarte e Silva*

Que precisará mais a Companhia dos Caminhos de Ferro para avaliar da razão que assiste ao *Democrata*, não se curvando perante a ideia de ser colocado na estação o retrato, em *paneau*, de Manuel Firmino?

Porventura um homem com o passado vergonhoso que ele teve, *heroe burlescamente celebrisado de mil e uma proezas deprimentes*, terá direito a ocupar o logar de distinção que a familia se esforça por alcançar, mendigando-o como quem mendiga uma esmola?

O bom senso mandava — dissémo-lo de principio — que se deixasse em paz a memoria do antigo chefe progressista de Aveiro, recolhendo a parentela a estulta pretenção de o querer confrontar com o patriota insigne, tão vilmente ultrajado no orgão jornalistico da casa. Não quizéram atender e, o que é mais, tentam por todas as fórmas levar por deante a afronta aos sentimentos liberais desta terra. Pois então tenham paciencia: a nova geração e a Companhia dos Caminhos de Ferro hãode ficar elucidados de tudo quanto diz respeito aos *cincoenta anos de vida publica* do homenageado.

Impõe-o um dever e quando assim é não tergiversâmos.

Modos de vêr

Na *Independencia de Águeda*, jornal de que é director o sr. governador civil, lêmos que—*por indicação das comissões republicanas de Aveiro, continua a exercer o cargo de administrador do concelho e comissario da policia, em que está investido desde junho passado, o devotado republicano sr. Francisco Encarnação.*

Não nos dá o referido jornal conta como as comissões classificam e reputam moral e legal o caso do sr. Encarnação continuar acumulando com estas funções as de amanuense do governo civil e de chefe da estatistica.

Tambem não nos dá conta o mesmo jornal como julgam as comissões colocar-se defrontadas com a divida sagrada que ha a saldar com quem, abandonando as funções administrativas por incompatibilidade com a ditadura, teria, *pelo menos*, o incontestavel direito, justissimo a todos os titulos, de ser reintegrado no seu antigo logar, ainda que por um minuto, como se procedeu em todo o país, em igualdade de circunstancias, e como assim entendeu o sr. Secretario Geral, que a 16 de maio oficiava a Filinto Feio nesse sentido.

Ainda o mesmo jornal não nos dá noticia como justificam as comissões a sua atitude absolutamente em harmonia com as indicações dos cavalheiros evolucionistas, que, combatendo intransigentemente a ditadura no dia da sua quéda, mas justificando-a na vespera, se integraram naquele famoso e jámais esquecido *comité* revolucionario... quando a revolução terminára!

Nada, sobre estes pontos, nos diz a *Independencia!*

Contudo o nosso interesse de conhecer como as comissões consideram e julgam estes pontos, tão justos e tão intimamente ligados ao programa e á acção republicana, é cada vez maior.

Esperemos, pois. Que cértamente chegará o momento de inquirirmos do caso.

O tempo

Após uma quadra encantadora, como foi a que atravessámos durante a primeira quinzena de Janeiro, voltou a chuva, que tem caído em abundancia, fazendo engrossar as aguas dos rios, alguns dos quais já saíram fóra dos respectivos leitos inundando os campos marginais.

E' dos livros, visto que assim tem sucedido todos os invernos desde remotas éras.

PAVOROSO INCENDIO

—=(*)=—

Pelos jornaes diários teem os nossos leitores já conhecimento da desaparição do Deposito Central de Fardamentos originada por um medonho incendio que o devorou, na noite de 13 do corrente, e da morte tragica dos dois bombeiros que, no cumprimento do seu nobre dever, foram vitimas da arriscada tarefa que sobre eles impende quando em face do terrivel elemento—o fogo—se esforçam por o dominar.

Das causas de tamanho cataclismo ainda por ora se não póde, com segurança, firmar uma opinião, se bem que tudo leve a crêr, até provas em contrario, que se trata dum grande crime perpetrado—quem sabe?—se por agentes alemães ou creaturas a quem o receio da nossa participação na guerra tenha obsecado, impelindo-as a praticarem um acto que tanta falta de patriotismo revela a serem verdadeiras as versões que correm.

Nada menos de 50:000 fardamentos, outros tantos pares de calçado, roupas branca e de fachina, cabedal, fazendas, *bonets* e muitos mais acessorios destinados ao nosso exercito; depositos, oficinas, aparelhos produtores de gazes, laboratorio, mobiliarios, mozeu de fardamentos antigos, instalações electricas, elevadores, etc., constitue a esta hora, tudo reduzido a cinzas, a unica recordação do grandioso edificio, que as chamas devoraram em pouco tempo com um prejuizo para a nação de perto de tres mil contos, visto nada se encontrar no seguro.

E', sem duvida, dos grandes incendios de que Lisboa tem sido teatro, um dos maiores aquele a que nos reportâmos e tambem dos que mais se reflete na vida èconomica do país, neste momento com o *deficit* elevado ao dobro apezar de não ter sido decretada a nossa beligerancia.

E se ficar por aqui...

Padre Pato...

Curiosa coisa: quando os jornalécos que por artes de berliques e berloques apoiam o Pato pela pena do Acacio, Lavrador & C.ª, noticiam as bombas que atiram ao homem, as bombas multiplicam-se.

E' um tal pedir de providencias!

Mas agora demos nós as noticias em primeira mão e calaram-se as bombas do Pato!

Curioso não acham?

A grandissima pouca vergonha!...

* * *

O Pato veio dizer a Aveiro e cremos até que o disse na policia, que sabe quem lhe deita as bombas e quem as manda deitar.

Acreditâmos. Ele e o filho é que sabem a historia.

* * *

Antes do padre Pato vir para Aradas, fez-se contra ele no seio da parte mais devota da freguezia, uma grande campanha de oposição.

Porque já constava ali que o Pato era um padre de taberna e um padre com mulheres.

Contra a vinda dele foi enviado um extenso telegrama ao bispo, assinado por nomes curiosos.

O Pato saiu o que se sabe: um padre que passa a vida ou nas tabernas a dizer mal dos paroquianos ou agarrado á Gloria a ruminar vinganças.

Mas os bispos só vêem os padres pobres e desgraçados...

* * *

Padre Pato tem inimigos.

Mas sabem lá porque tem inimigos o santo varão?

Dizem os *escritores* que o defendem por artes de berliques e berloques e os que lhe devem uns dinheiros... que é por ele ter sido um honesto administrador da Junta lá da terra.

Ora vamos lá então conversar com o padre Pato...

* * *

Padre Pato processou-nos por causa da bomba.

Ai bomba do padre Pato que muito tens que falar!

Vai começar o espectaculo:

Tartufo, Forreta, Zago & C.ª com seus socios e advogados, teem grandes papeis nas scênas.

Constroe-se à vista do publico uma casa de residencia paroquial; fabricam-se e lançam-se várias bombas; zomba-se das leis; empalmam-se as autoridades; prepara-se um rendoso julgamento de um crime em S. Bernardo, etc. etc.

Padre Pato: aqui, de pé!

Vamos zurzir-te!

Contrastes

Na apreciavel secção—*Ha quarenta anos*—do nosso distinto colléga, *Diario de Noticias*, de Lisboa lêmos o seguinte, que para aqui trasladâmos, porque o facto que aquele jornal relembra encerra um argumento insuspeito e digno de contrastar com aquele que uns incorrigiveis e estultos vaidosos pretendem fazer passar como unicos e merecedores, não da admiração geral duma cidade, mas até duma nação inteira, como se alguma cousa houvésse justificativo de tal intenção:

Sá da Bandeira

«Morreu o marquez de Sá da Bandeira. Envolveu para sempre a nobre fronte nos esplendores da gloria eterna o denodado soldado da liberdade, o sincéro e insistente evangelisador dos seus mais austeros preceitos, e que desde os 14 anos de idade lhe consagrára o coração e a vida. Cumpriu honradamente a sua grande missão, no longo transito vital, que tem por marcos miliarios 1796 e 1876, uma existencia de 80 anos, toda devotada a uma só mira—o bem da patria, afagada por um só ideal—o progresso, aquecida por um unico sentimento, tão fecundo como invencivel e prodigioso—o amôr da liberdade.

. . . .

O escrito que deixou junto ao testamento diz isto, pouco mais ou menos: «Bernardo de Sá Nogueira, falecido em..... Soldado desde 4 de abril de 1810, batalhei sempre pela liberdade e independencia da patria. Estive, ca'do por morto em Vielle, França. Fui ferido 4 vezes no cerco do Porto, numa perdi um braço. O país nada me deve.»

Deseja que o seu enterro seja modesto, sem ir o corpo em coche da casa real, sendo levado por 6 companheiros seus das campanhas da liberdade, seja qual fôr a sua posição; que o corpo vá para o cemiterio de Santarem; sendo nesse dia dita uma missa na igreja de S. Salvador, onde foi batisado; dando-se na sua freguezia, e naquela em que falecer esmolas a pessoas pobres. Quer que o seu tumulo seja uma pedra lisa, plantando-se junto dela uma nogueira, simbolo do apelido da familia.»

Que belo exemplo de modestia!

Que explendida lição de civismo!

Dada por quem razão de sobejo tinha para impôr-se á homenagem de admiração e de respeito que justissimamente lhe era devida!

MANUEL ALVES DOS SANTOS

—=(*)=—

Ainda sobre a morte do venerando sogro do nosso director, ocorrida a 26 de Dezembro ultimo, *Os Sucessos*, semanário independente que se publica no Corgo Comum, escrevem:

«Faleceu, em Aveiro, em casa de seu genro, sr. Arnaldo Ribeiro, a cujos cuidados de ha muito tempo se encontrava, o decano dos tipografos conimbricenses, sr. Manuel Alves dos Santos, ha muitos anos empregado na *Imprensa Academica*. Era um profissional distinto, carácter honesto e geralmente considerado. Contava 84 anos de uma vida sempre laboriosa e honrada. Ao sr. Arnaldo Ribeiro, a sua virtuosa esposa, aos irmãos desta, ao cunhado do falecido e distinto farmaceutico aveirense, sr. João Bernardo Ribeiro Junior e a toda a enlutada familia, os nossos pêsames.»

Tambem *O Futuro*, orgão do Partido Republicano Português na Louzã, dedica ao extinto as seguintes linhas:

Manuel Alves dos Santos

«Nos fins de Dezembro faleceu em Aveiro, em casa de seu genro e nosso denodado correligionario, sr. Arnaldo Ribeiro, aquele venerando anciião, decano dos tipografos conimbricenses.

Isto de dar noticia dum falecimento, passadas 3 semanas é mais ou menos estranhavel, mas é que quem escreve estas linhas tinha pelo saudoso morto uma admiração e estima que de fórma nenhuma deviam ficar no olvido, e como só hoje sáe. *O Futuro* depois daquele acontecimento, não o poude fazer mais cêdo.

Não tenho sequer a intenção de me exibir na imprensa para louvaminheiras. Não. Mas quando o dever nos chama a dizer da nossa justiça, a proposito seja do que fôr, dizemo-lo com aquéla franqueza que sempre nos caraterisou.

O caso presente é um desses. Manuel Alves foi, talvez, o meu maior amigo.

Um dia, quando ainda os meus conhecimentos profissionaes eram diminutos, fiquei sem trabalho, e, sem recursos, quasi me vi obrigado a assentar praça, para não ser vitimado pela fome.

Sem nunca ter falado com o bom mestre, que era, da *Imprensa Academica*, Manuel Alves, dirigi-me a ele, para vêr se me dava entrada no estabelecimento que zelosamente dirigiu mais de 40 anos.

Ele que tinha o condão de conhecer os caratéres, nos primeiros golpes de vista que lançou sobre nós, prometeu proteger-nos no que podésse, claro está sem prejuizo da casa que zelava mais que se sua fosse.

Entrei, como se costuma dizer, com o pé direito para a *Imprensa Academica*, aí por 1890, pois de então para cá, nunca mais deixou de ser meu amigo, nem eu um seu respeitador.

Manuel Alves, felizmente, não passou privações na sua velhice; se as passasse era a pessoa estranha à minha familia, que mais direito tinha a metade do pão que porventura eu tivésse para o meu almoço.

A seu genro e filhos, o cartão de sentidos pêsames.»

PELA IMPRENSA

Passou o aniversário do nosso estimavel colléga de Oliveira de Az meis, *O Radical*, que muito nos apraz felicitar, desejando-lhe as maiores prosperidades.

= Os antigos redactores do extinto semanário *O Progresso de Alquerubim*, publicaram no dia 12 do corrente um numero extra de homenagem ao saudoso medico, dr. José Pereira Lemos, falecido ha um ano, com artigos de vários escritores conhecidos, e no qual se faz a devida justiça ao considerado alquerubinense.

Associamo-nos tambem a essa merecida quanto oportuna e sentida consagração.

= O nosso brilhante colléga lisbonense *O Povo* começou na terça-feira a publicar-se reduzido de formato em consequencia do preço porque se está vendendo o papel de jornal.

A outros terá de suceder o mesmo se se não modificar a situação em harmonia com as reclamações que a imprensa vem fazendo em nome dos seus interesses gràvemente postergados.

"A Águia,,

O n.º 49, que ontem recebemos desta bem colaborada revista mensal de literatura, arte, sciencia, filosofia e critica social, não desmerece dos anteriores e apresenta-se com o seguinte sumário:

Literatura—A Beira num relâmpago, I—*Teixeira de Pascoaes*. Alvorada—Quadras de *Santiago Presado*. Em volta da palavra Gonzo, II—*José Teixeira Rego*. Almas de Portugal—Versos de *Augusto Casimiro*. A palavra Saudade em galego—*Aubrey Bell*. Canção de Amôr—Versos de *Afonso Duarte*. **Arte.**—Auto-Retrato (Ilustr.)—de *C. Oswal* (Rio de Janeiro). Guerra Junqueiro (Ilustr.)—de *Antonio Carneiro*. Pina Manique—de *E. Romero*. **Sciencia, Filosofia e Critica social.**—Colonisação, Climas e Linguas, IV—*Afonso Cordeiro*. **Notas e comentários**—Casa Pia e Jerónimos—*Fernando Paliart Ferreira*, com desenhos de *E. Romero*.

Saiba-se tudo!

Escreve *O Povo*, de segunda-feira:

«Todos se lembram de que em tempos foram enviadas a Angola e Moçambique duas fortes expedições militares. Que para ocorrer ás despêsas desse envio de forças foram destinados milhares e milhares de contos, sabe-se. O que não se sabe ainda, *a valer*, é o que essas forças militares fizeram de util para a nação e, sobretudo, *como* foram gastos esses milhares de contos. Os soldados regressaram —e vimo-los por aí; os comandantes dessas expedições estão em Lisboa—e um deles acaba de ser nomeado governador geral de Angola. Os relatorios desses oficiais é que ainda ninguem *viu*. Onde estão? O que dizem? E' preciso que se saiba. O país está na penuria. Os impostos pezam como barras de chumbo sobre o dorso da nação. Ela tem o direito de saber o destino que eles teem. De resto, essas expedições partiram levando de todos nós, da Nação, da Republicá, da Patria, um mandato imperativo. Qual era ele? Defender o patrimonio nacional, desagravar a nossa honra colectiva ofendida. Cumpriram-no? Não o cumpriram? E' preciso que todos o saibam e que tudo se saiba! Naulila soube-se. A Nação, que soube desse desastre, tem o direito de saber o que se fez para vingá-lo! Governa-nos uma Republica e não um mandarim. O Terreiro do Paço não póde ser Yildiz-Kioske. Depois de Naulila houve oficiais do exercito que beberam *champagne* com alemães? Venham os nomes! Em Naulila houve oficiais que fugiram por serem covardes e oficiais que não queriam combater por serem germanofilos? Diga-se quem são! Quer-se a verdade, seja ela, embora, de fel—e de córar de vergonha! A situação nacional não pede panos quentes: reclama cauterio—e cirurgia. Ha podridões? Queimem-se. A Nação—que não está morta!—quer caminhar, viver, viver, viver! Viver com honra, viver em paz, viver com altivez. As dificuldades que a atormentam são grandes. Pretender ocultá-las não é resolvê-las—é iludir a realidade! Venham, pois, os relatorios. Saiba-se tudo —e que o saibam todos!»

Sim, colléga, sim: é preciso saber-se tudo porque o que veio a lume nos jornais é gràve e não póde por essa razão ficar abafado sem que a verdade resplandeça em toda a sua plenitude.

Venham, pois, os relatorios sobre as operações africanas e não se esqueça que o país tem direito a saber o que elas foram e, ao cérto, quanto nos custaram.

Exige-o o decôro e os brios da nação.

ALMANAQUE DE FAFE

Pelo nosso presado colléga do *Desforço*, sr. Artur Pinto Basto, acaba de nos ser oferecido um exemplar do *Almanaque de Fafe*, de que é proprietario, director e editor, publicação profusamente ilustrada, de propaganda regional e á qual lhe não falta nenhum requesito para que a possâmos recomendar, agradecendo ao sr. Pinto Basto a amabilidade da deferencia tida para comnosco.

No Moseu

—=(*)=—

Excedeu muito a espectativa a festa que no ultimo domingo se realisou no antigo convento de Jezus, hoje transformado, parte dele, em Moseu Regional onde se acham reunidas muitas e valiosas preciosidades, que andavam dispersas, e servem para entreter durante algumas horas quantos de bom gosto ali entram para admirar a magnifica exposição.

Repleta dum publico escolhido a grande sala, começou a sessão pela parte a cargo do orfeon, distintamente regido pelo sr. Alberto Leão Filho, a quem nos temos referido sempre com o encomio de que o seu inteligente trabalho é merecedor, seguindo-se-lhe a recitação de poesias pela sr.ª D. Guilhermina de Araujo, que desde logo arrebatou o auditorio pela maneira empolgante como reproduziu a patriotica composição de Bernardo Lucas—*Na passagem do regimento*. A assistencia aplaudiu-a com frenesi porque realmente a sr.ª D. Guilhermina de Araujo disse e não ficou atraz dos que mais se teem revelado na arte de dizer bem.

Eguais aplausos recebeu a sr.ª D. Iréne Amaral Nogueira, cuja voz melodiosa fez ouvir com geral agrado, acompanhada ao piano pela sr.ª D. Alexandrina Castagnoli de Brito.

O sr. Luiz Costa houve-se tambem com maestría na parte musical que tinha a seu cargo, assim como o sr. Moreira de Sá, cujo nome escusa de ser acompanhado por qualquer adjectivo nosso pela consagração que tem tido nos principais centros tanto nacionais como do estrangeiro.

Resta-nos falar da conferencia do sr. dr. Egas Moniz sobre arte antiga conferencia que foi devidamente apreciada e que denota um profundo conhecimento de tudo quanto diz respeito ao que hoje constitue a maior riquêsa dos países civilisados. Ouvido com agrado, o sr. dr. Egas Moniz recebeu, no final da sua palestra, os aplausos que lhe não podiam ser regeitados, tal a impressão deixada no auditorio pela sua longa e correctissima exposição.

Eis a largos traços a impressão que trouxémos das horas agradabilissimas passadas no *velho e autentico refugio monacal*, como chama ao Moseu o sr. dr. José de Figueiredo, por o seu organisador lhe ter mantido o caracter discreto e recolhido, não podendo deixar de felicitar todos aqueles que concorreram para o brilhantismo da memoravel sessão, cujo exito se tornou o mais possivel completo.

Á todos os assistentes foi distribuido por gentis tricaninhas da nossa terra o programa da festa organisado de fórma que constitue uma verdadeira recordação da tarde de 16, passada no Moseu.

Naufragio?

O mar arrojou á praia, em frente da Costa Nova, o casco de uma *traineira*, que se supõe ser hespanhola, e foi recolhido pelos guardas fiscaes ali destacados.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Notas mundanas

De passagem para Leiria, em cuja guarnição acaba de ser colocado, esteve na passada sexta-feira nésta cidade, o nosso bom amigo tenente Brochado Brandão, que nos deu o prazer do seu abraço.

A passar uns dias com sua familia, encontra-se na Costa do Valado o sr. Benjamim Diniz, que em Lisboa se dedica á industria de panificação.

Fez no domingo anos, a sr.ª D. Maria Regina Miranda, prendada filha do nosso amigo sr. João Pinto de Miranda.

Véio a Aveiro com pequena demora o digno empregado na Empreza Nacional de Navegação, sr. Jeronimo Peixinho.

Em viagem de nupcias visitou esta cidade, sendo hospede de seu irmão, sr. Antonio Felizardo, o sr. dr. Adelino Simão Leal, notario em Portel, para onde já retirou, acompanhado de sua gentil esposa, depois de terem visto o que mais digno aqui existe de ser admirado.

Acompanhado de sua familia esteve tambem em Aveiro o estimado farmaceutico, ha pouco chegado de Africa, sr. Adolfo Rodrigues, natural da Figueira da Foz.

Historia da Guerra Europeia

O tomo n.º 19 desta publicação lançada pela *Tipografia Gonçalves*, que a expõe á venda em todas as livrarias, além duma linda capa a côres, de optimo efeito, insere o Diário da Guerra, de 11 a 31 de Maio e as seguintes gravuras: vista panoramica do Passo de Calais e as ruinas duma povoação na Polonia russa, depois de bombardeada.

Não se póde exigir mais por 5 centavos apenas, e é muito de louvar a iniciativa da casa editora, pondo assim ao alcance de todas as bolsas uma obra ilustrada, interessante, educativa e de flagrante atualidade.

A CRISE DO PAPEL

Por iniciativa do diario mais antigo do país, *A Nação*, devia ter-se efectuado ontem em Lisboa uma reunião das emprezas jornalisticas com o fim de pedir prontas providencias ao governo no sentido de serem abolidos os direitos de importação de papel de jornal, visto a sua constante subida de preço entre nós e ainda nas fabricas existentes ser insuficiente a produção necessária para o consumo.

Não sabemos o que se terá resolvido nem tão pouco das resoluções que viéram a tomar-se em face da crise porque está passando a imprensa, e muito principalmente os jornais de provincia, que vivem exclusivamente do favor publico, não tendo outros recursos senão os que lhe proveem das muitas ou poucas assinaturas que possuem. Porque a verdade é esta: se os jornais diarios se resentem do aumento extraordinario que ultimamente o papel tem tido no mercado, cerceando-lhe os lucros fabulosos que ao fim de cada ano arrecadavam, os periodicos provincianos, esses, prejudicam-se porque não teem o anuncio como principal fonte de receita e sem o qual nenhum diario poderia viver, nem em épocas normais, vendendo-se á 1 centavo.

E' por isso que, como muito bem diz um colégá lisbonense, a imprensa tem que acudir imediatamente á sua situação precaria, resolvendo dois pontos capitais para a sua existencia: falta de papel a alguns e excésso de despêsa sobre a receita em todos os jornais.

Vamos, pois, a vêr os resultados práticos que da reunião se espera que advenham.

E falaremos, já que somos tambem vitimas da crise por virtude da qual fomos obrigados a dispender o ano que findou oitenta e tantos escudos mais do que o costume.

Esse pouco.

MANUEL Joaquim Ribau, com prática de ensino e com o curso secundário, lecciona para o exame de admissão ás Escolas Normais.
R. dos Tavares, n.º 1.

Teatro Republica

Abriu no sabado as suas portas ao publico, depois de reconstruido, esta elegante casa de espectaculos da capital, ha um ano e meio devorada por um violento incendio, que a reduziu a cinzas, deixando-lhe intactas apenas as grossas paredes.

Na opinião dos nossos colégas lisbonenses, o *Republica*, resurge mais formoso, brilhante e encantador, para ser digno das tradições gloriosas que teve, e que vai continuar, devendo-se a grandiosidade desta obra ao antigo e uprezario, sr. visconde de S. Luiz de Braga, sem contestação o homem que mais trabalhou para que das cinzas que tinham devastado o sumptuoso edificio, renascesse, sem delongas, esse verdadeiro templo da arte que toda a Lisboa, com justificada razão, se orgulhava de possuir.

A peça escolhida para a primeira récita intitula-se *Os Postiços*, da autoria do ilustrado dramaturgo Eduardo Schwalbach, assistindo ao seu desempenho o chefe do Estado, o sr. presidente do ministério e tudo quanto de ilustre ha nas letras, na arte e na sociedade, em que o bélo jámais deixou de ter um altar onde recebesse a devida consagração.

Necrologia

Faleceu o velho capitão da marinha mercante, João dos Santos Salgado, sogro do nosso amigo Carlos Mendes.

Encanecido nas lutas furiosas do mar, onde conquistou o melhor concerto, inutilisou-se desastradamente num momento aziago ao embarcar na estação da caminho de ferro desta cidade, tendo-lhe sido depois amputada uma perna o que de todo o impossibilitou de continuar nas lides da sua carreira

A todos os seus a expressão muito intima do nosso sentimento.

=Tambem morreram esta semana as sr.as Tereza Duarte, esposa e sogra dos srs. José Luiz Bernardes e José Robalo Lisboa, e Rosa Marques da Silva, esposa do sr. Francisco Pinto da Gama e Souza, que logo no dia seguinte ao do triste desenlace, terça-feira, viu egualmente desaparecer seu sogro, o sr. José Rodrigues dos Santos.

A ambas as familias o *Democrata* envia o seu cartão de pêsames-

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Mediocridades pedantes

Ha individuos que por um enfartamento de ignorancia entendem que estando em posição de dar leis o tem de fazer fatalmente, mesmo sobre as coisas mais futeis e ridiculas, agravadas pelo contrapeso de ficarem cáras aos outros. E' o que se está dando nesse desastrado ministério da instrução onde a incompetencia parece ter assentado arraiaes para tortura de quem se vê nas duras condições de pagar com o seu suor as patacoadas do proximo.

Alguem, que não tinha em que matar o tempo, lembrou-se um dia de fazer dos estudantes uns galuchos com caderneta na mão, uma especie de salvo conduto que os hade acompanhar na dura faina da caça ás rapozas, durante uns poucos de anos, pelas planicies de Minerva. A principio esta exigencia infantil custava, cremos, que 10 ou 15 centavos. Este ano, porém, como as batatas estão a 90 centávos, o bacalhâu a 45 e as subsistencias pôdres de baratas; como os pais dos alunos andam folgados com a baratêsa dos livros, alcavalas de propinas, etc., houve quem se lembrasse, espirito lucido, sem sombras de tacanhez e respeito pelo deus tutelar das bagatelas de que fala Diniz da Cruz no *Hissope*, de subir o preço das tais cadernetas para 35 centávos, com a desvantagem de serem maiores que as antigas e portanto mais incomodas. Porém, ainda isso não é tudo: o que revela a curtesa de vista de quem tal deliniou é que na tal papelêta ha umas exigencias de tão dificil e trabalhosa execução que não ha maneira de um encarregado de educação conhecer do aproveitamento literario e porte dos alunos pelos quais se interessa. O tal baixio em que encalha o cumprimento da lei consiste na exigencia de centenas de assinaturas para rubricarem as *notas de comportamento!*

Consta que nos liceus centrais ninguem fez caso de semelhante asneira, continuando tudo como dantes, e que noutros já foram requesitadas algumas maquinas a vapor para satisfazer a patacoada de tantas rubricas...

Fala-se já outra vez em gréve como protesto contra semelhante estado de coisas, porque os estudantes precisam saber em que lei vivem a respeito de médias. E tudo isto resultado da mediocridade encartada se julgar no direito de ditar leis ao mundo sem atender ás dificuldades emergentes da sua execução pratica.

Olhem que já é...

CARTAS DUM EXILADO

Ao padre Firmino Marques Tavares

VIII

Foi preciso recorrer á bondade do meu coadjuctor, esse bom sacerdote de que já falei, e desenrolar-lhe toda a minha vida, descrever-lhe todas as peripecias enigmaticas do meu estado, e revelar-lhe todos os segredos que até aí havia oculto.

Não podia de fórma alguma demorar por mais tempo esta revelação, visto só faltarem oito dias para regressar á prisão do colégio e estar proximo o momento da minha despedida.

Foi num dia, em que o céo se revestiu de luto, e os raios semi-mortos do sol mal iluminavam a face da terra.

Dirigi-me ao reverendo, e expuz-lhe a minha vida. Ficou admirado, pois eu era um dos companheiros daquele logar, que era visto como o melhor e mais bem comportado, sem exagero.

Mas.. que fazer?

—Chamarei o seu pai, me disse ele, e dar-lhe-ei essa noticia, de modo a não o magoar muito. Mas quem ha que não sinta as loucuras dum filho imprudente?

Só a loucura o podia levar a transpôr os degráus da sua aspiração, que embora lhe pareça intranspunivel, é sómente o socego do nosso espirito, e a acquisição da felicidade. Neste munus espinhoso do sacerdocio, é verdade que necessita de muita vocação, mas tambem lhe posso asseverar que é a tranquilidade da nossa alma e o salvo-conducto da mesma para a eternidade, só devemos temer a idade perigosa. Contudo, a vocação é uma dádiva que não foi permitida a todo o seminarista, e o senhor, embora imprudentemente, mostrou bem claro, que seguia uma carreira errouea. Paciencia!

Deixei o bom padre, e esperei contricto o momento terrivel. Nesse mesmo dia, meu pai foi chamado por uma carta para ir falar, sem falta alguma, com ele. Desconfiado, talvez com a carta do Vice-Reitor que tinha recebido, não atendeu ao bom do padre e foi-se entender com o miseravel traidor, que já estava tambem de férias. Entregou-lhe todas as cartas que me tinha apreendido e o Vice-Reitor lhe havia entregado, lendo-as na sua presença, e, ampleando cértamente o que havia sucedido.

Na minha casa, esperava, receioso, o seu regresso, depois de minha mãe já me ter interrogado por diversas vezes, o motivo porque meu pai havia desaparecido, já a algumas horas.

— Não sei, lhe respondi eu, comprometendo-me já o remorso: talvez esteja em casa de algum visinho, ou fosse tratar de algum negocio...

Minutos depois, chegou lacrimoso, acabrunhado pelo meu proceder, e cérto de que aquela familia, tão conhecida no logar, não mais teria no seu seio um sacerdote respeitoso, que realçasse dignidade e exigisse respeito.

—Que foi, inquiriu minha mãe, fitando-o com admiração. O que é que te perturba e aflige, neste momento em que tudo nos sorri e consola!

—E' que, mulher, a imprudencia do nosso filho, a sua leviandade e a sua impericia, roubou-nos desde hoje a alegria e o socego. Dóra ávante, não ha sol que me aqueça, nem alegria que me console, e viverei sómente escondido do mundo, pois não sinto energia para narrar aos meus amigos, as proêsas extravagantes do nosso filho ingrato. Foi a nossa ruina e de nossos filhos, que tanto suor perdemos, que tantas faltas remediamos, que tantos males compomos e privações sofremos, só para nos recompensar agora com a vergonha e o escandalo. Se não fosse o amor que sinto por todos, se não fosse um pedaço de minha alma, do meu sangue e do meu nome, de hoje em deante não era mais meu filho, porque trouxe a discordia ao nosso lar, mas sim um filho prodigo de que fala o livro santo.

Mas

—Espera, por Deus, e diz-me claramente o que sucedeu em nossa casa. Por ventura nosso filho é assassino, um ladrão, ou malfeitor?

—Tudo isso é. Apunhalou nossos corações, roubou o nosso socego e desfez a nossa alegria. Fez mais ainda: desherdou nossos filhos que todos sofreram por sua causa, pois foi expulso para não mais continuar no seminario que frequentava.

Deixo entregue aos leitores, para que avaliem bem as máguas que adviéram depois desta descoberta terrivel. Só lhes exponho que, durante quinze dias, não falei mais com minha familia, nem tão pouco dela me aproximava para as refeições, e passaram-se os dias, óra refugiado no meu quarto, que ficava no segundo andar, óra em casa dos meus tios que me animavam e fortaleciam.

Um dia, depois de todos conhecerem que esta separação era impropria e acarretava a recordação que se devia esvanecer, meus tios resolveram reunir-se em assembleia, para se tratar da paz e haver a concordia entre aquele lar maculado pela tristeza.

(Continua)

Pará, 16 de novembro de 1915.

Avelino d'Almeida

Até á hora do nosso jornal entrar na maquina não nos consta que tivésse rebentado na residencia do vigário das Aradas mais nenhuma bomba explosiva.

Em compensação entrou-nos em casa o "meirinho„ que veio notificar-nos uma querela posta em juizo pelo reverendo, contra este semanário.

Aceitâmos o repto, ó padre! E falaremos ainda mais de alto, já que supões que nos intimidas chamando-nos aos tribunais.

Pinheiros

Vende-se grande porção num pinhal das Quintans.

Nesta redacção se diz com quem se trata.

Loterias

12:000$00

A 28 de Janeiro
A 11 e 25 de Fevereiro
A 11 e 25 de Março

20:000$00

A 4 e 18 de Fevereiro
A 3 e 18 de Março

Nas loterias de 12:000$00: Bilhetes a 6$60, vigésimos a $33.

Nas loterias de 20:000$00: Biletes a 11$00, vigéssimos a $55; Cautélas de $24, $12 e $06 em todas as loterias e de todos os cambistas.

Pedidos á *Casa da Costeira*

Souto Ratola—Aveiro

CORRESPONDENCIAS

Porto Alegre, (Brazil), 13 de dezembro de 1915

Já ha muito que a falta de tempo me impede de enviar as minhas correspondencias habituais ao *Democrata* com quem me é agradavel estar em relações porque todos nós, portuguêses, que deixâmos a nossa Patria e nos aventuramos a atravessar o grande Atlantico sentimos o maior prazer de exteriorisar quanta saudade nos vai na alma, a mágua que nos acompanha ás vezes de não nos encontrarmos juntos da familia.

Essa mágua seria, talvez, um tanto atenuada se porventura em todas as localidades houvésse correspondentes dos jornais que nos trouxèssem noticias frescas, pois suponho que, como meio de minorar as agruras da vida, isso se tornaria dum grande alcance.

Por mim digo que tenho imensa pena de que na minha freguezia—S. João de Loure—hajam desaparecido por completo os noticiarios tanto mais que essa é uma das terras onde nunca houve pouco que contar.

Mas parece-me que só por algum milagre de Deus ou do Diabo tornarei a lêr correspondencias de S. João.

E tenho pena; confesso que tenho pena.

José da Silva Abreu

Cacia, 19

Depois dos dias verdadeiramente outonaes a que nos habituámos, veio a chuva que fez com que o Vouga aumentasse de volume inundando já parte dos campos marginaes.

Consequencias da estação, não se devendo por isso esperar outra coisa.

=Foi aqui recebida com geral satisfação a noticia de ter sido promovido a sargento-ajudante o nosso amigo e conterraneo sr. Celestino Batista da Silva, filho do director do *E'cos de Cacia*, sr. J. J. Nunes da Silva.

Os nossos parabens.

=Não teem sido boas as noticias recebidas do estado de saude do abalisado clinico sr. dr. Francisco Soares, que daqui retirou para casa de seu sogro, o sr. João da Silva Pereira, residente nessa cidade.

Continuâmos a fazer votos pelo completo restabelecimento de sua ex.ª.

=Acham-se em deploravel estado as ruas desta freguezia pelo que ousâmos pedir ao municipio que as mande reparar convenientemente.

=Está contratado o casamento da menina Lucinda Rosa Ferreira, filha dilecta do nosso amigo sr. Francisco Ferreira Felix, ausente no Pará, com o empregado do comercio sr. Paulo Fernandes.

=Volta a falar-se na elevação á categoria de estação do antigo apeadeiro desta freguezia, constando-nos que alguns passos nesse sentido vão ser dados por aqueles a quem compéte terem interferencia no assunto.

=Vindo de Algés, onde adoeceu, acha-se entre nós o sr. José Maria Eusebio Pereira.

=Faleceu com 90 anos de edade a sr.ª Joana Rodrigues Teixeira, mãe do sr. Manuel Simões Carrêlo.

Ao seu funeral, que foi muito concorrido, assistiu a musica de Canélas, tendo sido depositadas sobre o feretro duas formosissimas corôas de flôres artificiaes.

Pêsames aos seus.

=Retirou para Coimbra o activo industrial sr. Agostinho Rodrigues Bela.

=Está em Sarrazola, vindo de Vila Nova de Ourem, o sr. Salvador Rodrigues Sapateirinho.

C.

Alquerubim, 12

Faz hoje um ano que faleceu o saudoso, prestante cidadão e medico distinto, sr. dr. José Pereira Lemos. De mânhã houve missa, que foi muito concorrida, e no fim désta foram distribuidas esmolas aos pobres que a ela assistiram. A's 10 horas e meia, na presença da Junta de Paroquia, foram colocadas no largo, em frente á igreja, duas placas com o nome do saudoso extinto. Este largo ficará de hoje para o futuro com o nome de — *Largo dr. José Pereira Lemos.*

Daquele distinto medico só nos resta a saudade! A Junta de Paroquia cumpriu assim uma divida sagrada para com ele, que tantos serviços prestou ao povo desta freguezia.

C.

Alfaiateria MIRANDA

RUA DA COSTEIRA

AVEIRO

O proprietario deste estabelecimento participa aos seus Ex.mos freguezes que acaba de receber um variádo sortido de fazendas estrangeiras o que ha de mais *chic* para a estação de inverno.

Possue tambem o mesmo estabelecimento, no 1.º andar, um magnifico *atelier* de chapeus de senhora, acabando de receber ha pouco de Paris os modêlos da ultima moda assim como um sortido lindissimo de flôres vindas directamente daquêle centro da moda.

Pessoal habilitado para a confecção rapida de todos os trabalhos de que se garante o aperfeiçoamento.

Aos Ex.mos freguêses e freguêsas solicita-se, pois, uma visita a este estabelecimento

GRANDES ARMAZENS DE FAZENDAS

A. Santos & C.ª

Rua Mousinho da Silveira, angulo da Travessa das Flôres

Telephone n.º 803

Endereço Telegraphico: "LIBERTAS"

PORTO

VENDAS POR JUNTO

Sortido completo de fazendas economicas

Especialidade em pannos brancos, morins inglezes e pannos crús.

LÃS, CHITAS,

FLANELLAS, RISCADOS, CHAILES, LENÇOS, MALHAS, CACHEMIRES E MUITOS OUTROS ARTIGOS

NÃO HA QUEM VENDA MAIS BARATO

Aos srs. mestres d'obras e artistas

LIXAS em papel e em panno.

Recommendam-se as da unica Fabrica Portugueza a Vapor de Aveiro, de BRITO & C.ª

Muito superiores ás estrangeiras e mais baratas.

VENDEM-SE em todas as boas drogarias e nas melhores lojas de ferragens.

Oficina de serralheria

E

Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja

—DE—

RICARDO MENDES DA COSTA

Rua da Corredoura

AVEIRO

N'esta officina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Dilnidores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das agua

Dentista

Candido Dias Soares

Cirurgião-dentista pela Escola Medica do Porto, tambem conhecido por "Candido Milheiro,, ou "sobrinho do Milheiro,,

Abriu o seu consultorio permanentemente desde o dia 1 de fevereiro do corrente ano na rua dos Mercadores, n.º 8—1.º

AVEIRO

Nova fabrica de telha em Aveiro

A Ceramica Aveirense

=DE=

JOÃO PEREIRA CAMPOS

SITA NO CANAL DE S. ROQUE

O proprietario desta fabrica participa aos srs. mestres de obras, revendedores e ao publico em geral, que se encontra habilitado a satisfazer qualquer pedido de telha, tipo Marselha, e doutros, telhões, tijolos vermelhos e refractarios, ladrilhos, azulejos, tubos de grez, cimentos, etc., e pede para que não façam as suas compras sem uma prévia visita á sua fabrica para avaliarem a qualidade dos seus produtos.

Aos srs. mestres de obras e revendedores, descontos convencionaes. Manda amostras e preços a quem os requisitar.

Adéga Social

Rua da Revolução

Os proprietarios dêste estabelecimento participam aos seus Ex.mos freguezes e ao público em geral, que teem á venda os seus vinhos, ao preço de 100 reis o litro (branco) e 80 reis (tinto).

Abafado a 200 reis o litro.

Aguardente bagaceira a 300 reis o litro.

Tambem ha serviço de *restaurant*, estando encarregado da cosinha pessoa habilitadissima.

Os proprietarios,

FERREIRA & IRMÃO

VENDAS A DINHEIRO

Grandes armazens

=DE=

adubos quimicos

Solfato de cobre—Enxofre—Prensas para lagares—Esmagadores de uvas

ADUBOS COMPOSTOS

Arames zincados—Cimentos: TEJO e MONDEGO

Peçam preços antes de comprar a

Virgilio Souto Ratola

MAMODEIRO

VENDAS A DINHEIRO

Hotel e Restaurant Campestre

Oliveira do Bairro

E' o unico que satisfaz com rigor as exigencias da sua clientela

COSINHA DE PRIMEIRA ORDEM

COMODIDADES EXPLENDIDAS

Especialidade em leitão assado

Pharmacia Ribeiro

DEPOSITO DE DIVERSOS PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

Aguas mineraes, naturaes do paiz e estrangeiro.

Fundas, Pessarios, Algalias, Mamadeiras, Suspensorios, Seringas de vidro e de metal, Borrachas, Insufladores, Bombas para tirar leite, artigos de pensos, sabonetes medicinaes, etc., etc.

Especialidades pharmaceuticas, nacionaes e estrangeiras, e muitos outros artigos com applicação medica e cirurgica.

Aviamento de receituario feito com o maior escrupulo e promptidão a qualquer hora do dia ou da noite.

Unica pharmacia onde se prepara o verdadeiro remedio contra a ictericia, de tão maravilhosos effeitos.

Rua Direita—AVEIRO

OFICINA DE CALÇADO E DEPOSITO DE CABEDAES

DE

José Migueis Picado Junior

Nêste estabelecimento encontrarão sempre os seus colégas um colossal sortido de sóla e cabedaes de todas as qualidades, que vendem por preços excessivamente módicos em virtude dascondições vantajosas porque obtem aquêles artigos.

Executa-se toda a qualidade de calçado com a maior prontidão e aperfeiçoamento.

Rua 5 de Outubro

AVEIRO

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias) 1$20
Semestre. $60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte. . . . . 2$50
Avulso. $02

Anuncios

Por linha. . . . . 4 centavos
Comunicados . . . 2 »
Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

CASA DE PENHORES

DE

Artur Lobo & C.ª

Previnem-se os srs. mutuarios desta casa, sita na Rua do Passeio, 19, afim de reformarem os seus penhores até 20 de Fevereiro proximo, para não serem vendidos.

Aveiro, 15 de Janeiro de 1916.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

PADARIA MACEDO

PRAÇA DO COMERCIO

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como pão hespanhol dôces, bijou, abiscoitado e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz de diversas qualidades, assucar, stiarinas, vinhos finos, etc., etc.

CAFÉ, especialidade da casa, a 720 e 600 réis o kilo.